

Sete véus, sete maridos: casamento, literatura e gênero em *Os sete maridos de Evelyn Hugo* (2019)

Seven veils, seven husbands: marriage, literature, and gender in *Evelyn Hugo's the seven husbands* (2019)

Lucas Matheus Araujo Bicalho

Mestrando em História

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

bicalholucas7@gmail.com

Recebido: 29/07/2025

Aprovado: 15/11/2025

Resumo: O presente artigo propõe uma análise da obra *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* (2019), de Taylor Jenkins Reid, com base nos Estudos Feministas e na História das Mulheres. A narrativa permite refletir sobre o casamento enquanto prática social atravessada por relações de poder e normas de gênero. Longe de serem motivadas por afeto, as uniões da protagonista funcionam como estratégias de sobrevivência, ascensão social e preservação da imagem pública. Entende-se a literatura como espaço privilegiado de interpretação da realidade, capaz de revelar conflitos e resistências vivenciados por mulheres em contextos patriarcais. Adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise dos elementos simbólicos e discursivos da narrativa. Com isso, demonstra-se que o matrimônio pode atuar simultaneamente como instrumento de dominação e de agência, evidenciando as ambiguidades da experiência feminina frente às expectativas sociais.

Palavras-chave: Casamento; Gênero; Literatura.

Abstract: This article proposes an analysis of Taylor Jenkins Reid's *The Seven Husbands of Evelyn Hugo* (2019), based on Feminist Studies and Women's History. The narrative allows us to reflect on marriage as a social practice permeated by power relations and gender norms. Far from being motivated by affection, the protagonist's unions function as strategies for survival, social advancement, and preservation of her public image. Literature is understood as a privileged space for interpreting reality, capable of revealing the conflicts and resistance experienced by women in patriarchal contexts. A qualitative and interpretive approach is adopted, focused on the analysis of the narrative's symbolic and discursive elements. This demonstrates that marriage can act simultaneously as an instrument of domination and agency, highlighting the ambiguities of the female experience in the face of social expectations.

Keywords: Marriage; Gender; Literature.

Introdução

A literatura, enquanto manifestação simbólica, vai além de seu papel estético e configura-se como uma ferramenta importante para a compreensão das dinâmicas da realidade cultural e social de uma sociedade, especialmente quando considerada em seu contexto histórico. Por meio de suas narrativas, construções de personagens e tramas, o texto literário não apenas retrata a sociedade, mas também a questiona, revelando suas nuances, como tensões, conflitos, desejos e imaginários coletivos (BICALHO; ALVES, 2025). Dessa forma, a literatura emerge como um espaço privilegiado de interpretações do mundo, contribuindo para a construção de sentidos compartilhados entre os sujeitos. Sua análise permite evidenciar aspectos marcantes das relações humanas, das estruturas sociais e das formas pelas quais os indivíduos percebem e se posicionam diante de seu tempo.

À vista disso, de acordo com Antonio Candido (1976), não é possível separar a literatura da vida social, pois a obra está enraizada em contextos históricos, sociais, culturais e políticos, ainda que faça uso da ficção como linguagem. Para ele, a literatura é uma necessidade universal, em virtude de sua capacidade de desenvolver a sensibilidade e promover o reconhecimento da dignidade humana. Assim, o texto literário, mesmo quando não intencionalmente engajado, revela diversas críticas às condições sociais de sua época, proporcionando uma leitura impactante da realidade.

De forma análoga, a historiadora Sandra Pesavento (2004) explica que, ao aproximar literatura e história, reforça-se a ideia de que os textos literários são documentos da sensibilidade, expressando representações e mentalidades que ajudam a compreender os desdobramentos culturais e sociais das sociedades. Nesse sentido, para a autora, a literatura não é apenas uma representação da realidade, mas uma construção que interpreta o mundo e projeta sentidos e significados sobre ele. Ao narrar ou descrever o cotidiano, por exemplo, a obra literária registra características que escapam muitas vezes às fontes tradicionais da história, tornando-se um objeto legítimo de investigação cultural.

Ao considerar a literatura como um instrumento importante para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais, tomamos como objeto de análise a obra da escritora estadunidense Taylor Jenkins Reid, *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* (2019). A trajetória da protagonista, Evelyn Hugo, articulada ao longo da narrativa, revela as múltiplas camadas de construção identitária às quais as mulheres, sobretudo aquelas expostas à esfera pública, são submetidas em sociedades marcadas por normas de gênero rigidamente instituídas.

Nessa direção, o pensamento de Reinhart Koselleck (2006) contribui para aprofundar a compreensão do papel da literatura ao evidenciar que toda narrativa – histórica ou ficcional – se

constrói na articulação entre um *espaço de experiência* e um *horizonte de expectativa*. Para o autor, os sujeitos e as sociedades interpretam o mundo a partir de vivências acumuladas no passado, mas também a partir de projeções, anseios e tensões voltados ao futuro. Ao dialogarmos essa perspectiva com a obra *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo*, torna-se possível perceber como a trajetória da protagonista é marcada por essa sobreposição temporal. Isso porque Evelyn mobiliza suas experiências passadas, permeadas por desigualdades de gênero, imposições sociais e estratégias de sobrevivência – ao mesmo tempo em que constrói expectativas que orientam suas ações e redefinem sua identidade ao longo do tempo. A narrativa de Taylor Jenkins Reid, desse modo, revela como a ficção pode operar como um campo privilegiado para evidenciar essas dinâmicas temporais que Koselleck (2006) identifica como constitutivas da história, tornando visível o modo como as personagens negociam entre aquilo que herdaram e aquilo que projetam, entre permanências e rupturas, entre passado, presente e futuro.

Distante de representarem escolha apenas pelo afeto, os casamentos de Evelyn Hugo operam como dispositivos estratégicos de sobrevivência, ascensão social, camuflagem de sua orientação sexual e preservação de uma imagem midiática idealizada (VIANA et al., 2022). A personagem insere-se em um campo de forças no qual o matrimônio adquire dupla valência: simultaneamente instrumento de sujeição e de agência (REID, 2019). Assim, o casamento, mais do que uma experiência íntima, converte-se em tecnologia social, revelando as tensões entre imposição normativa e subversão silenciosa no interior dos códigos culturais da feminilidade.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira as experiências matrimoniais descritas na obra *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* refletem e problematizam as expectativas culturais em torno do casamento, à luz dos Estudos Feministas e da História das Mulheres. O estudo parte do pressuposto de que o matrimônio, longe de ser uma prática isolada, é atravessado por relações de poder, normas de gênero e construções sociais que influenciam diretamente a vida e a autonomia das mulheres. Assim, a metodologia adotada é de natureza qualitativa, com enfoque na análise interpretativa da narrativa, considerando os elementos discursivos, simbólicos e sociais que emergem das experiências da protagonista ao longo de seus sete casamentos.

O casamento como instituição de controle

Ao longo da história do Ocidente, o casamento sempre foi uma instituição fundamental para a manutenção da ordem social, cultural, econômica e política. Embora muitas vezes seja visto como uma união baseada no amor entre duas pessoas, o casamento cumpre uma função muito mais ampla.

Trata-se de um instrumento de controle da vida social e cultural, moldado por interesses coletivos e pelas estruturas de poder que organizam a sociedade (BICALHO et al., 2023). Quando oficializado, o matrimônio não regula apenas os desejos e as relações entre os parceiros, mas também estabelece os papéis sociais que cada indivíduo deve desempenhar dentro do contexto em que vive.

Socialmente, o casamento tem o papel de legitimar relações, definir padrões de comportamento e reforçar normas e estruturas de gênero. A historiadora Cláudia Maia (2011) destaca que instituições como a família, da qual o casamento é o núcleo fundamental, exercem um poder disciplinar sobre os corpos e atitudes, naturalizando práticas afetivas e sexuais que se ajustam ao ideal dominante de cada época. Nesse sentido, o casamento funciona como um dispositivo de controle que, como já apontava Michel Foucault (1976), limita as possibilidades de o indivíduo viver sua afetividade e sua identidade de forma livre e autônoma.

O matrimônio não se restringe ao âmbito privado, mas configura-se como uma instituição política que regula a sexualidade e impõe modelos específicos de conduta, especialmente às mulheres. Ao associar o valor social da mulher ao estado civil e à sua posição dentro da estrutura familiar, o casamento contribui para a manutenção de uma ordem patriarcal que subordina as subjetividades femininas a papéis socialmente construídos. Diante disso, Heleieth Saffioti (2004) argumenta que, a mulher é historicamente inserida em uma relação de dominação no interior das estruturas familiares, sendo muitas vezes reduzida ao papel de esposa e mãe, o que limita suas possibilidades de autonomia e emancipação.

No campo cultural, o casamento atua como um ritual que reafirma valores e expectativas compartilhadas pela sociedade (BEAUVOIR, 1949; DEL PRIORE, 2011). As autoras evidenciam como, historicamente, o casamento restringiu as mulheres aos papéis de esposa, mãe e dona de casa, submetendo-as ao poder masculino e à ordem patriarcal. A cultura ocidental, ao promover a monogamia heterossexual como modelo “ideal”, exclui e marginaliza outras formas de amor e convivência, tornando o casamento um mecanismo de exclusão simbólica e social (BICALHO, 2025a).

À vista disso, o casamento surgiu atrelado à necessidade de garantir a herança e o controle da propriedade privada (SAMARA, 1983). Ele não organiza apenas a vida doméstica, mas também desempenha um papel estratégico na manutenção do capital e na reprodução da força de trabalho. Por isso, o casamento envolve interesses que vão além do afeto e das escolhas pessoais, estando inserido em um modelo que visa à acumulação e à preservação do poder econômico.

No campo político, a legislação do casamento define quem pode se casar, as condições da união, a legitimação dos filhos e a divisão dos bens. Isso transforma o casamento em um mecanismo de controle que reforça as regras heteronormativas e patriarcais. Além disso, o casamento confere benefícios legais, como vantagens fiscais, direitos de herança e acesso a políticas públicas, fortalecendo seu papel político ao segmentar a cidadania e criar diferenças sociais baseadas no estado civil (TAYLOR; FONSECA, 2015). Essa regulação tem um impacto profundo na vida das pessoas, especialmente daquelas que não seguem o modelo tradicional, como casais homoafetivos ou uniões não formalizadas, que historicamente foram marginalizados e excluídos da sociedade e das políticas públicas.

Nesse contexto, no romance *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo*, a autora constrói uma história que se relaciona diretamente com as diferentes formas de controle exercidas pelo casamento. A trajetória de Evelyn mostra como essa instituição pode ser usada como uma estratégia para enfrentar as pressões sociais, culturais e econômicas impostas às mulheres, especialmente em um meio conservador e machista como a indústria do cinema. Seus casamentos vão além do amor, sendo formas de proteção, ascensão social e preservação de sua imagem pública (REID, 2019). Dessa maneira, o livro revela como o casamento pode servir a muitos interesses, funcionando como um instrumento social, político e econômico. Ao apresentar essas uniões como acordos e não como escolhas livres, a narrativa destaca o conflito entre o desejo individual e as regras impostas pela sociedade, reforçando a crítica de que o casamento, mais do que uma decisão pessoal, é uma construção social ligada ao poder e ao controle.

Gênero, identidade e poder na narrativa de Evelyn Hugo

A literatura, conforme Antonio Candido (2006), não se resume a arte, ela é também um sistema de humanização, uma vez que permite que o leitor compreenda as dinâmicas da vida social e os conflitos humanos em suas diversas camadas (BICALHO; ALVES; SOUZA, 2025). Assim, ao analisar o romance *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo*, observamos como a ficção se configura em ferramenta para refletir sobre a condição histórica das mulheres, especialmente diante da instituição do casamento. As vivências da protagonista mostram como o matrimônio funciona como dispositivo de controle e adaptação social que reflete nas estruturas de poder que moldam o feminino.

Ao longo do romance, Evelyn Hugo se casa sete vezes, e em nenhum desses casamentos o amor é o principal motivo. Na verdade, cada união serve como uma estratégia: às vezes para subir na carreira, outras para proteger sua imagem diante do público, ou simplesmente para conseguir sobreviver em um mundo que exige que as mulheres sejam bonitas, submissas e caladas. Essa narrativa se aproxima do que o crítico literário Antonio Candido (2006) chama de “função social da literatura”, ou seja, a capacidade que as histórias têm de mostrar os conflitos entre o indivíduo e a sociedade. No caso da obra, Evelyn é a personagem que vive essas tensões na pele. Ela sofre, mas também resiste. Sua trajetória mostra como o casamento, que muitas vezes é visto como um sinal de sucesso ou estabilidade, pode ser também uma forma de controle e opressão. Assim, a história de Evelyn nos ajuda a entender como, por trás de relacionamentos que parecem perfeitos, podem existir jogos de poder e expectativas sociais que limitam a liberdade das mulheres.

À luz das reflexões de Reinhart Koselleck (2006), é possível compreender os casamentos de Evelyn Hugo como resultado das rupturas e continuidades entre *campo de experiência* e *horizonte de expectativa*. Para Koselleck, o presente é sempre o ponto de intersecção entre experiências sedimentadas no passado e expectativas projetadas para o futuro, e é justamente nesse entrelaçamento que se constituem as ações possíveis. No romance, cada casamento de Evelyn, ainda que motivado por estratégias voltadas a seu futuro, como ascensão profissional, proteção da imagem pública, sobrevivência, permanece atravessado por um repertório histórico que define o que significa ser mulher e esposa. Logo, esse *campo de experiência* limitado pelo patriarcado impõe molduras rígidas que condicionam suas escolhas, mesmo quando ela busca romper com elas. Assim, a trajetória de Evelyn evidencia o fato de que, embora o indivíduo projete expectativas e tente criar possibilidades, sua ação nunca se dá em terreno neutro, mas dentro de estruturas históricas que persistem e orientam o presente. Dessa forma, os casamentos da personagem revelam sua agência, mas também mostram como o passado continua ativo, configurando e restringindo o horizonte de futuro disponível às mulheres.

Considerando essa dinâmica temporal, é possível refletir sobre as escolhas estéticas e narrativas de Taylor Jenkins Reid ao abordar o tema do casamento na trajetória de Evelyn Hugo. A autora constrói um enredo que articula ascensão, *glamour* e segredo não só para delinear uma personagem magnética, mas para revelar a persistência de estruturas históricas que condicionam a vida das mulheres, mesmo em cenários que aparentam oferecer liberdade. Ao transformar cada casamento em etapa de um cálculo social, Reid mostra que o matrimônio, longe de ser apenas um espaço afetivo,

se configura como mecanismo político atravessado por relações de gênero, poder e exposição pública. Com isso, a opção pela narrativa retrospectiva, em que Evelyn, já idosa, revisita sua história, reforça o pensamento koselleckiana de que o presente é iluminado pelas experiências acumuladas, permitindo compreender como determinadas escolhas foram moldadas por forças históricas duradouras. Assim, as decisões narrativas da autora ultrapassam o melodrama ou as convenções do romance de celebridade; configuram-se como estratégia para evidenciar como o passado continua a organizar o futuro das mulheres, mesmo quando elas buscam romper com suas imposições.

Nesse sentido, o romance não se destaca apenas por ter uma boa história ou uma personagem forte diante das adversidades apresentadas. Sua importância está, principalmente, na forma como mostra as regras sociais e os símbolos que mantêm as mulheres presas à ideia da suposta “natureza feminina”. A partir disso, Antonio Candido (2006) retifica que a literatura é um campo onde surgem os conflitos entre o sujeito e a sociedade, e é nesse espaço de conflitos que a trajetória de Evelyn Hugo se desdobra. Ao narrar a sua própria vida, Evelyn conta como o casamento pode ser usado para controlar a vida das mulheres, ao limitar suas escolhas e liberdades, colocando as mulheres em um lugar de submissão.

Diante disso, a obra conversa com as ideias de Michelle Perrot (2005), que discute como as experiências femininas foram ignoradas ou apagadas pela história oficial. Nesse sentido, a obra, ao dar visibilidade a Evelyn, é também uma forma de recuperar essas histórias esquecidas, tendo em vista que o casamento, muitas vezes, funcionou como um instrumento de opressão e controle. Desse modo, esse romance mostra como a literatura pode ser um lugar de memória e resistência, tornando visíveis os sentimentos, dores e desejos das mulheres em um sistema masculino que tentou calar e controlar as mulheres por tanto tempo (MAIA, 2011).

Resistência e ambivalência nas experiências matrimoniais

Os casamentos de Evelyn Hugo, protagonista do romance *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo*, apresentam aos leitores uma crítica contundente ao matrimônio como uma prática social que se articula com questões de gênero, sexualidade e poder. No decorrer da narrativa, Evelyn se casa sete vezes, mas nenhum desses casamentos é motivado pelo amor; ao contrário, cada união evidencia conflitos entre as normas culturais do feminino e as estratégias individuais de sobrevivência. Para Evelyn, o casamento

torna-se um meio de resistência e negociação em uma estrutura patriarcal dominada pelo universo masculino (REID, 2019).

A resistência de Evelyn Hugo manifesta-se, sobretudo, como uma questão de sobrevivência em um contexto patriarcal e implacável, no qual as mulheres precisavam negociar limites e oportunidades para garantir sua autonomia e proteção. Cada casamento, mais do que um vínculo afetivo, torna-se um instrumento estratégico para preservar sua carreira, sua imagem pública e sua vida pessoal, inclusive assegurando cuidados e proteção à filha Connor.

Nesse sentido, Evelyn não se rebela de forma explícita contra o sistema; ao contrário, ela aprende a transitar habilmente entre as regras impostas e as brechas que pode explorar, transformando o matrimônio, tradicionalmente espaço de subordinação, em ferramenta de ação e sobrevivência. Como Del Priore (2015; 2020) enfatiza em suas análises sobre mulheres e história, esses gestos silenciosos e calculados são formas de resistência: demonstram como mulheres ao longo do tempo encontraram maneiras de sobreviver, afirmar-se e conquistar espaço em sociedades que historicamente limitaram sua liberdade, revelando o entrelaçamento entre agência, pragmatismo e luta cotidiana.

Nesse sentido, segundo Silvia Federici (2019), o casamento não deve ser compreendido apenas como uma convenção social e cultural, mas como uma instituição econômica e disciplinadora dos corpos femininos, vinculada ao trabalho reprodutivo sob controle masculino. Ele atua como um mecanismo de controle que naturaliza a divisão sexual do trabalho e sustenta a exploração do trabalho doméstico não remunerado.

O primeiro casamento da protagonista foi com Ernie Diaz, um homem escolhido não por amor, mas como uma estratégia para que Evelyn conquistasse ascensão social e profissional. Sobre essa união, Evelyn afirma: “Só de olhar para a cara dele deu para perceber que Ernie Diaz ficou contente em me ver. E foi assim que perdi minha virgindade: em troca de uma carona até Hollywood” (REID, 2019, p. 53). Essa escolha revela uma negociação entre subordinação e autonomia, na qual a jovem se utiliza do próprio sistema patriarcal do casamento para romper com sua origem empobrecida (BICALHO, 2025b; BICALHO et al., 2025). No caso de Evelyn, o casamento é mobilizado como uma tecnologia de ascensão social que, paradoxalmente, reforça sua função utilitária sobre os corpos das mulheres pobres.

O seu segundo casamento, com Don Adler, mostra o lado da violência e disciplinação que o matrimônio tradicional pode oferecer. Evelyn é submetida a violência físicas e psicológicas, o que a leva a questionar o ideal romântico da mulher como cuidadora e amorosa. Ela revela na narrativa: “Ele

me bateu como se quisesse apagar minha existência” (REID, 2019, p. 94). Diante disso, bell hooks (2019) informa que ao mito do amor romântico se instaura como um mecanismo de opressão e ganha relevância quando as mulheres são ensinadas a acreditarem que o amor justifica o sofrimento e submissão, naturalizando, assim, a violência conjugal. Evelyn Hugo rompe com esse ciclo ao expor a violência e abandonar a relação, comportamento que recusa as narrativas impostas ao feminino.

A trajetória de Evelyn, após esses primeiros casamentos evidencia, como aponta Saffioti (2013), que o patriarcado não se faz apenas por meio da violência física ou emocional, mas também por relações de troca profundamente desiguais, em que mulheres são levadas a negociar sua autonomia dentro de um sistema que lhes oferece poucas alternativas. Ao utilizar o matrimônio como recurso para alcançar mobilidade social, Evelyn aciona uma estratégia historicamente recorrente entre mulheres situadas em posições de vulnerabilidade, que precisam manipular as próprias condições de subordinação para garantir sobrevivência, visibilidade ou estabilidade.

Diante disso, Saffioti (2013) observa que tais negociações não anulam a dominação masculina; ao contrário, revelam como as mulheres, mesmo quando parecem exercer agência, o fazem dentro dos limites impostos por uma ordem social que converte seus corpos, sua sexualidade e sua imagem em capital a ser explorado. Assim, a decisão de Evelyn de casar-se com Ernie Diaz não rompe com a lógica patriarcal, apenas a utiliza, reencenando, de modo consciente, o mecanismo que historicamente transformou o casamento em instrumento para controlar e canalizar a vida das mulheres.

Do mesmo modo, a violência sofrida no casamento com Don Adler reforça o diagnóstico de Saffioti (1987, 2013) de que a família patriarcal funciona como um dos espaços privilegiados de reprodução da opressão de gênero. O lar, frequentemente idealizado como lugar de proteção e afeto, revela-se, na experiência de Evelyn, palco da disciplina e da coerção, em perfeita consonância com o que a autora descreve como “sistema de dominação-exploração”. A brutalidade de Don expõe a fragilidade do ideal romântico e evidencia como o matrimônio pode atuar como mecanismo de contenção da mulher, garantindo a supremacia masculina por meio do medo, do silenciamento e do controle. Ao romper com essa relação, Evelyn salva a própria vida, bem como nega a naturalização do sofrimento feminino, gesto que ecoa a crítica saffiotiana às narrativas que ensinam as mulheres a suportarem violência em nome do amor. Sua decisão de abandonar Don é, portanto, mais do que uma escolha individual; é uma contestação direta à estrutura patriarcal que busca moldar a conduta e o destino das mulheres, reafirmando sua recusa em permanecer no papel de vítima que lhe era socialmente reservado (SAFFIOTI, 1987; 2013).

Isso ocorre pois o casamento, na sociedade patriarcal, funciona como um espaço de confinamento para a mulher, que, ao ingressar nele, é automaticamente reduzida a um “outro” em relação ao homem, um ser cuja existência é validada apenas pela função que exerce para o masculino (BEAUVOIR, 1980). Evelyn Hugo recusa esse papel esperado ao tomar consciência de que o casamento com Adler não representa uma forma de amor, mas de controle. Sua ruptura com essa união violenta sinaliza uma recusa em aceitar a construção tradicional do feminino como passivo e tolerante à dor.

Nesse movimento de ruptura, observa-se um gesto profundamente alinhado ao que Mary Del Priore (2014) descreve em *Histórias Íntimas* ao analisar as transformações da experiência feminina no âmbito privado. Para a historiadora, o casamento sempre carregou consigo uma dimensão de vigilância, na qual o corpo e a conduta da mulher eram regulados por expectativas sociais rígidas, destinadas a preservar a ordem patriarcal. Del Priore (2014), em suas análises sobre o casamento no Período Colonial (1500-1822), informa que:

Os casados desenvolviam de maneira geral, tarefas específicas. Casa qual tinha um papel a desempenhar diante do outro. Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação [...] os homens tratavam suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e despidas de expressões de afeto (DEL PRIORE, 2014, p. 45).

Logo, ao abandonar Adler, Evelyn inscreve-se em uma longa linhagem de mulheres que, segundo Del Priore (2014), ousaram desafiar o script íntimo que lhes fora imposto, aquele que naturalizava a renúncia, o silêncio e a abnegação como virtudes femininas. Sua decisão evidencia que a esfera doméstica, historicamente pensada como lugar de proteção, também podia se converter em território de opressão, e que a resistência começava justamente quando as mulheres reconheciam a legitimidade de seus próprios limites. Assim, Evelyn revisita, com sua atitude, a história de tantas outras que, ao recusarem o sofrimento como destino, abriram brechas para reconfigurar o sentido do matrimônio e da intimidade feminina.

Por conseguinte, o matrimônio com Mick Riva evidencia como o casamento pode funcionar como um disfarce para garantir a aceitação social em contextos marcados pelo controle da sexualidade. Diante da ameaça de que sua orientação afetiva se tornasse pública, Evelyn opta por um casamento às pressas com Mick, afirmando: “Foi só um fim de semana. Eu precisava de uma distração. E de um alibi” (REID, 2019, p. 129). Isso revela o que Judith Butler (2003) propõe ao afirmar que o sistema

heterossexual compulsório exige performances reiteradas de normatividade. No romance, tal dinâmica atua como uma forma de mascarar o relacionamento de Evelyn com Celia James, revelando o esvaziamento da autenticidade subjetiva dentro da ordem conjugal heteronormativa.

Ao recorrer à análise de Margareth Rago (1998, p. 92), que aborda o gênero como “forma primeira de significar as relações de poder” e enfatiza que as identidades de gênero são historicamente construídas e mobilizadas em dispositivos sociais, podemos entender de modo mais preciso o que está em jogo no casamento de Evelyn Hugo com Rex North. Nesse vínculo, o matrimônio se apresenta menos como aliança de afeto e mais como mecanismo de normatização. Evelyn adere a uma configuração legitimada pela indústria de entretenimento e pelo patriarcado hollywoodiano, assumindo o papel de “esposa-atriz” para preservar a visibilidade, o capital simbólico e o mercado de ambos. Diante disso, a autora recorda que esse pacto social coloca a mulher como objeto de troca e visibilidade dentro de uma rede de poder que regula condutas, corpos e identidades (RAGO, 1998). Portanto, a escolha de Evelyn de subcontratar seu casamento como “um contrato não escrito” (REID, 2019, p. 142) evidencia a operação desse dispositivo de poder: ela aceita o papel performativo, porém opera também com consciência crítica, negocia, manipula e eventualmente se desprende das amarras desse ordenamento patriarcal, assim alinhando sua trajetória ao que Rago denomina como possibilidades de resistência e invenção de si.

Ainda que inserida nesse sistema, Evelyn não assume uma posição de subordinação; ao contrário, ela manipula conscientemente essas estruturas para afirmar sua própria autonomia e garantir sua permanência nos holofotes. Casar-se, naquela época, conferia às mulheres uma visibilidade na vida pública, e Evelyn soube explorar essa expectativa social. Tanto com Rex quanto com Mick, ela simula o ideal de esposa para consolidar sua imagem e garantir espaço no cenário midiático, revelando como o patriarcado impunha à mulher a necessidade de um marido para ser validada, mas como ela soube instrumentalizar esse sistema em favor de sua própria autonomia (BICALHO et al., 2023). Dessa forma, Evelyn subverte os papéis tradicionais ao se apropriar do casamento não como fim, mas como meio de afirmação pessoal e profissional.

A união com Harry Cameron representa uma ruptura em relação aos modelos conjugais tradicionais. Isso porque ambos são pessoas *queer* vivendo em segredo, e se casam não por desejo romântico, mas por amizade e proteção mútua. Evelyn descreve: “Harry era meu porto seguro” (REID, 2019, p. 173). Nesse contexto, Adrienne Rich (2003) esclarece que essa forma de aliança desafia o “heterossexual compulsório”, uma vez que o casamento entre eles funciona como um escudo contra

a violência institucionalizada da heteronormatividade. Assim, emerge uma concepção alternativa de família, fundamentada no cuidado e na solidariedade, que contesta a estrutura familiar normativa.

Evelyn se casa mais uma vez, desta vez com Max Gerard, sendo confrontada com a objetificação estética e emocional. Ela percebe que Max projeta nela uma fantasia masculina, sem reconhecer sua subjetividade. Nas palavras da própria Evelyn: “Ele amava a imagem que criou de mim” (REID, 2019, p. 195). Ao discutir as relações de dominação de gênero, Angela Davis (2016) explica como o casamento pode ser utilizado para sustentar mitologias de posse e controle sobre as mulheres, especialmente quando estas são inseridas em uma feminilidade idealizada. Assim, ao recusar esse papel, Evelyn critica a construção do amor como um espaço de apagamento da identidade e da autonomia feminina.

Essa crítica encontra suporte na teoria literária, que compreende a literatura como espaço de reflexão e contestação das práticas sociais e culturais. Para Terry Eagleton (2006), a literatura não apenas representa a realidade, mas revela suas contradições internas, funcionando como um discurso ideológico que pode tanto reforçar quanto subverter normas hegemônicas. A narrativa de Evelyn assume uma função crítica ao expor as violências simbólicas e materiais que atravessam as relações de gênero, evidenciando como a ficção pode ser um meio de análise e transformação social.

O sétimo casamento de Evelyn Hugo foi com Robert Jamison, caracterizado por seu caráter estritamente legal e utilitário. A união foi firmada para que Evelyn pudesse obter a guarda de sua filha, Connor, evidenciando um vínculo construído não pelo afeto, mas pela necessidade de driblar limitações legais e sociais: “Robert entendeu que aquele casamento era pela Connor” (REID, 2019, p. 212). Nesse contexto, o matrimônio funciona como uma estratégia jurídica, mostrando como as normas legais podem restringir famílias queer e obrigar mulheres a recorrer a arranjos formais para proteger seus filhos. Mais do que um ato de amor, o casamento com Jamison revela a habilidade de Evelyn em utilizar as estruturas existentes a seu favor, subvertendo-as quando necessário, e expõe as tensões entre legislação, gênero e diversidade familiar, reforçando a crítica à rigidez normativa que ainda molda relações de poder e reconhecimento social.

A situação de Evelyn e Robert evidencia como as instituições reforçam a binariedade de gênero e a heteronormatividade, moldando o acesso aos direitos familiares a partir de categorias rígidas (BUTLER, 2004). Essas normas influenciam não apenas o reconhecimento jurídico das famílias *queer*, mas também a experiência subjetiva das pessoas, que muitas vezes precisam se adaptar a papéis e expectativas sociais que não condizem com suas identidades reais (CONNELL, 2009). A imposição

dessas regras contribui para a marginalização das mulheres LGBTQ+, obrigando-as a recorrer a estratégias como o casamento legal para driblar as barreiras estruturais e garantir direitos básicos. Assim, essa dinâmica mostra que o gênero é um campo de disputa, no qual as mulheres *queer* enfrentam lutas contínuas por reconhecimento e autonomia frente a sistemas normativos excludentes.

Nesse sentido, ao longo do romance, Evelyn Hugo apresenta os desdobramentos entre conformidade e subversão. Seus casamentos não seguem o modelo tradicional pautado no afeto romântico, mas se configuram como estratégias de sobrevivência diante de um sistema que restringe a liberdade das mulheres, especialmente daquelas que rompem com as normas de gênero e sexualidade. Ao utilizar o matrimônio como meio de ascensão social, proteção identitária e autonomia emocional, Evelyn não rompe completamente com o sistema patriarcal; contudo, sua trajetória representa uma crítica importante a normatividade conjugal e a ideia do amor romântico como destino obrigatório para as mulheres. O casamento, portanto, não aparece como um espaço de plenitude, mas como um campo de disputa onde gênero, poder e desejo se conectam.

Considerações finais

A análise dos casamentos da protagonista Evelyn Hugo, em *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo*, revela a complexidade das experiências matrimoniais atravessadas por dinâmicas de gênero, sexualidade e poder, evidenciando a ambivalência presente nessas relações. Os múltiplos matrimônios da personagem não se pautam pelo afeto romântico tradicional, mas configuram-se como estratégias de sobrevivência e negociação em uma estrutura patriarcal que restringe a liberdade feminina, sobretudo para aquelas que rompem com as normas heteronormativas.

À vista disso, este estudo evidencia que o casamento, enquanto instituição social, funciona simultaneamente como mecanismo de controle e disciplina dos corpos e subjetividades femininas e como um espaço de resistência e identidade, no qual as mulheres podem instrumentalizar as normas para garantir ascensão social, proteção jurídica e autonomia emocional. A trajetória de Evelyn, neste caso, exemplifica essa tensão, ao mobilizar o matrimônio como uma tecnologia de poder que, embora restritiva, pode ser apropriada estrategicamente.

Portanto, o romance funciona como um espaço crítico que expõe as contradições da instituição matrimonial e propicia uma reflexão sobre as múltiplas formas de existir e resistir dentro das imposições sociais de gênero e sexualidade. Desse modo, o estudo dos casamentos de Evelyn Hugo

contribui para ampliar o debate acadêmico acerca das relações entre gênero, poder e família, reafirmando a importância de análises interdisciplinares que dialoguem entre História Social, estudos de gênero e teoria literária.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo *et al.* “Ele me tratava como uma rainha... até eu querer minha liberdade”: análise narrativa e reflexões de Elize Matsunaga na Netflix. SANTOS, Ednan; GALVÃO, Karine (Org.). **Ciências Humanas e Sociedade**: estudos interdisciplinares. Ponta Grossa: Aya, 2025. p. 26-38.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo *et al.* A “SOLTEIRONA” NA SÉRIE BRIDGERTON DA NETFLIX: subversão e reinvenção de estereótipos no contexto social do século XIX. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 13, n. 33, 1 Dez 2023 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/24920>. Acesso em: 13 jul 2025.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. “Boas moças não matam?”: Uma análise de gênero sobre os casos Richthofen e Matsunaga na mídia brasileira. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. e15117, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/82556>. Acesso em: 14 jul. 2025b.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. Úrsula, a vilã subversiva: gênero, poder e estereótipos na construção da personagem de A pequena sereia (1989). **Revista Multidisciplinar**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 1–10, 2025a.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís Fernando de Souza; SOUZA, Mauricio Pereira de. A. Entre Páginas e Cicatrizes: a violência contra a mulher em O Peso do Pássaro Morto e no cotidiano brasileiro. **História em Revista**, v. 30, n. 2, p. 76-91, 30 jul. 2025b.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís Fernando de Souza. A transfiguração do feminino na literatura brasileira: uma análise sobre a figura da Maria Moura (1992) como símbolo de resistência e subversão aos papéis de gênero. **Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 63-82, 2025. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/16804>. Acesso em: 11 jul. 2025.

BUTLER, Judith. **Desfazendo o gênero**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.

CONNELL, Raewyn Weyer. **Gênero: em uma perspectiva global**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2014.

- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.
- DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. Planeta Estratégia, 2020.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas. São Paulo: Elefante, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- MAIA, Cláudia. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais (1890-1948). Editora Mulheres, 2011.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. Cadernos Pagu, n. 11, São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998.
- REID, Taylor Jenkins. **Os sete maridos de Evelyn Hugo**. São Paulo: Editora Paralela, 2019.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: FACCHINI, Regina; PELÚCIO, Larissa (Orgs.). **Dissidências sexuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 17–36.
- RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 15–64.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- TAYLOR, Alice; FONSECA, Vanessa. O controle da sexualidade feminina e o casamento na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 26, n. 2, 2015.

VIANA, Alane Kelly Alves et al. Violência Doméstica Uma Análise Do Caso Narrado No Livro “Os Sete Maridos De Evelyn Hugo” De Taylor Jenkins Reid. **Revista Expressão Católica**, v. 11, n. Especial, p. 340-361, 2022.